

Capítulo XXXI - DEIXANDO O CASABLANCA

Haviam-se passado quase quinze anos, mas os dois acidentes guardavam certas similaridades, sendo a principal delas o fato de terem acontecido na água e os dois veículos ficarem emborcados, embora o Bateau Mouche tenha ido ao fundo algum tempo depois. Mas, de acordo com a minha avaliação, o risco de morte foi muito mais elevado no caso do primeiro acidente.

Mais ainda, havia uma diferença marcante entre os dois. No primeiro, a minha namorada sobreviveu após a minha rápida ação para buscar uma saída no escuro. No caso do naufrágio do Bateau, a outra namorada não foi encontrada a despeito de todo o esforço que eu despendi no mar.

As semelhanças das visões finais dos dois acidentes eram impressionantes e dali, do alto do convés do Casablanca, eu rememorei a imagem que presenciara do alto da ponte de madeira, retratada pela lenta correnteza de águas turvas, contornando a carroceria do Opala capotado.

Ainda muito cansado, eu tive a sensação de estar despertando de um sonho quando a mão de um tripulante tocou o meu ombro. Ele me avisou que o Casablanca partiria em breve e sugeriu que eu retomasse o meu lugar na cadeira que permanecia ao meu dispor. Gentilmente, ele me ofereceu um prato com salgadinhos variados e um copo de refrigerante. Aceitei, agradecendo, embora não estivesse faminto, mesmo depois de ter nadado por tanto tempo. Mas, eu não havia jantado no Bateau Mouche e não tinha a menor ideia de quando e como aquela madrugada terminaria.

Retornei à cadeira para comer e apoiei o copo no chão, com cuidado. O tripulante perguntou se eu desejava algo mais e informou que o desembarque seria por uma escada localizada na proa. Em seguida, retirou-se enfatizando que permanecia à disposição para qualquer necessidade adicional.

Capítulo XXXI - DEIXANDO O CASABLANCA

De onde eu me encontrava, era possível acompanhar a movimentação das pessoas no convés, mas não identifiquei nenhuma que tivesse as características de um naufrago, como cabelos e roupas molhadas. No meu caso, permanecia calçado e vestido da mesma forma como caí no mar.

Ainda sentado, experimentei novamente a terrível sensação de forte pressão emocional por não saber como informar aos pais da Ana o seu desaparecimento no mar, após o naufrágio de um barco de turismo. Esforçava-me para redirecionar as minhas reflexões para um fato positivo, no caso, a minha sobrevivência, mas sem resultado. Sentia-me refém do compromisso de comunicar a eles a trágica ocorrência envolvendo a filha.

Eu não tinha saboreado, ainda, todos os salgadinhos do prato, quando percebi que o Casablanca começara a se movimentar. Simbolicamente, o cenário de tantas desgraças estava ficando para trás, mantendo-se, porém, na minha mente, os registros dos marcantes episódios pelos quais passara no mar. E com a inevitável evolução do tempo, o fato de ter sobrevivido ao naufrágio com muitas vítimas fatais a lamentar, representaria, sem dúvida, um divisor comportamental na minha vida.

Não havia chegado até mim qualquer informação para onde o Casablanca nos levaria. Porém, como a posição da cadeira me deixava de frente para bombordo, pude observar que ao contornar o Pão de Açúcar, o barco não estava se afastando muito dos costões do morro. Caso continuasse nesse trajeto, tudo levava a crer que desembarcaríamos no Iate Clube.

O meu estado de intensa prostração de natureza emocional, associado ao extremo cansaço físico que se espalhava pelo meu corpo, inibia qualquer vontade de caminhar pelo convés em busca de informações ou, até mesmo, de prestar solidariedade a alguma vítima que encontrasse. Preferi permanecer sentado até que recebesse alguma orientação a respeito do final da viagem.

Mais alguns minutos de navegação e surgiu outro tripulante anunciando que o Casablanca, devido às suas dimensões avantajadas, não atracaria no cais do Iate Clube. A opção escolhida foi fundeá-lo próximo ao clube e, a partir dali algumas lanchas de menor porte transportariam as vítimas para terra firme. Antes de se retirar, solicitou que, assim que o barco deixasse de se movimentar, eu deveria me dirigir para uma escada situada próximo à proa, para o desembarque.

Capítulo XXXI - DEIXANDO O CASABLANCA

Ao apontar a direção da escada, o tripulante me fez compreender porque o bote a remo continuou contornando a lateral do Casablanca a bombordo, quando eu, nadando próximo à sua parte traseira, me aproximei do iate para ser resgatado. Na penumbra, eu não percebi que perto da proa existia um acesso para o convés. E provavelmente aquele deslocamento do bote era o derradeiro no seu inestimável trabalho de socorrer as vítimas e levá-las a bordo do Casablanca.

Finalmente, o iate interrompeu a navegação indicando que o desembarque das vítimas iria começar. Notei uma circulação maior de pessoas na direção que havia sido indicada pelo tripulante. Seguindo a orientação recebida antes, levantei-me da cadeira e com os sapatos ainda molhados, caminhei lentamente para não escorregar, pois em alguns trechos do convés o piso não era forrado com material antiderrapante.

No topo da escada, um tripulante controlava a descida dos naufragos, de acordo com a lotação de cada lancha que se posicionava ao lado do iate para realizar o transporte das vítimas para terra firme. Uma dessas lanchas acabara de sair, de modo que eu seria o primeiro a embarcar na próxima que atracasse, desde que, óbvio, não surgissem pessoas com prioridade.

O tripulante, nitidamente desejando demonstrar solidariedade com o meu sofrimento, apontou em direção ao Iate Clube e em seguida, confirmou que outra lancha já estava se aproximando. Retribuindo a gentileza, olhei em direção a um turbilhão que formava uma esteira de água nas laterais do que seria a lancha, e agradei a ele a informação.

Aproveitei os poucos minutos que restavam para o meu desembarque e olhei ao redor, como desejasse captar, para registro na minha memória, os principais detalhes daquele ambiente onde aconteceu o meu renascimento. Sim, do alto da escada, que representava a porta de saída que me levaria à terra firme logo em seguida, eu precisava estar celebrando, de algum modo, a vida.

Capítulo XXXI - DEIXANDO O CASABLANCA

E se eu fosse um poeta teria escrito algo assim para homenagear o iate, com sua tripulação e passageiros, que ao me resgatar, preservou a minha vida:

CASABLANCA, UM CISNE

Desliza manso entre vagalhões ensandecidos
Na penumbra boiam olhares tão perdidos
Nesse denso purgatório líquido
Teu casco reluz tão límpido

Almas se desprendem melancólicas
Enlaçadas por danças bucólicas
Na espuma das ondas de esvai a lógica
Preserve-se, para sempre, essa imagem histórica

Na amurada, o brilho dos músculos
Homens crivados de seus escrúpulos
Suas veias roliças segregam o alívio
Inerte, contudo, às garras do martírio

A bordo, tuas samaritanas agasalham lamúrias
Todos chegam encharcados em penúrias
E de corações esgarçados. É dor pungente
Em rostos vincados, lágrima ausente

Lágrimas, tantas, que a onda colhe
E em desespero o mar se recolhe
Arrasado!